

FOTO GENTILMENTE CEDIDA POR MARIO CRAVO NETO



Mesmo com direitos garantidos na legislação, mulheres e homens negros são tratados como seres de segunda categoria

Quando o negro é visto como penetra

Três repórteres entram em uma loja. Perguntam a mesma coisa. Por que eles não são atendidos da mesma forma? A seguir os depoimentos.

“Sempre me disseram que racismo na Bahia não existe. Seria o lógico, numa terra onde 80% da população tem pele escura. Mas, nesta experiência deu para sentir que a ausência dele é mito.

Engraçado que quando o assunto é discriminação racial, as pessoas logo negam e de uma forma veemente. Achem que se ela vier a aparecer é apenas social, ou seja, branco, negro, amarelo ou índio não importa. Basta estar bem vestido para aparentar ter dinheiro.

Mas não foi bem isto que eu e os colegas Gilson e Manuela (ele negro, ela branca), literalmente, sentimos na pele. Vestidos da mesma forma - jeans e camiseta - percebemos que, pelo menos para os vendedores de cinco das seis lojas que entramos no Shopping Barra, ter uma cor escura é sinônimo de não merecer vestir roupas caras.

Mas as duas piores experiências para mim aconteceram numa loja de roupas para homem e numa especializada em bijuterias. Na primeira, entrei ao lado de Manuela. Ali eu senti o que as escravas sentiam quando acompanhavam as senhoras à igreja. O vendedor que foi atender a minha colega branca não perguntou sequer se eu estava interessada em alguma coisa.

Na loja de bijuterias, assim que Manuela entrou, uma vendedora sorridente perguntou o que queria. Para mim e para Gilson, nada. Depois de alguns minutos, uma vendedora se aproximou, pediu licença para pegar um conjunto de colar e brincos na prateleira e soltou um: “Fiquem à vontade”.

Continuamos olhando as bijuterias quando uma mulher bem vestida e branca se aproximou e disse “com licença” e ficou na nossa frente. Logo de-

pois fomos ao Iguatemi e visitamos lojas de grife como fizemos no Barra. Fomos os três tratados da mesma forma.

Enfim, foi uma chance de avaliar o quanto vale cor de pele aqui na Bahia. E isto para quem nasceu sem cor, afinal até os dez anos não percebia nisso nada de importante. Para mim, tom de pele não era problema. Morava no interior da Bahia e, se o assunto cor vinha à tona, as pessoas logo diziam: Você é morena”.

Num dia do ano de 1996 caiu a ficha, quando uma amiga da minha família, ao me apresentar a um conhecido do meu pai disse: “Esta é a filha de Chico. Olha aí o nariz de panela da família”. Ali eu percebi que era tão negra como o meu pai, mesmo tendo a pele mais clara.

Como consolo, pensei: “Não tem problema. Moro em Salvador agora e lá é diferente”. Mas não. Aqui, se a gente desfila num bairro considerado nobre, o papel que nos cabe ali é o de empregada doméstica e nunca moradora. Foi esta a pergunta que uma senhora me fez quando me encontrou numa rua da Pituba, bairro onde moro. Para pedir uma informação, ela começou a conversa assim: “Você trabalha aqui?”. Respondi: “Não, senhora, moro aqui”.

Cada vez mais tenho me esforçado para aprender sobre a civilização africana e tenho visto o quanto ela é valiosa, o quanto foi avançada, diferente do que aprendi na escola. Já não me preocupo com meu nariz de panela. E eu que nasci sem cor, virei morena por consolo, parda de forma oficial - é o que consta na minha certidão de nascimento - sou agora negra por consciência. E danem-se os racistas.”

■ Cleidiana Ramos, 28 anos

Versão afro de Sansão

“Detectar até que ponto o tratamento que você recebe em uma loja é determinado pela cor da sua pele ou pela sua suposta condição social é uma tarefa difícil. O treinamento oferecido aos vendedores, a posição dos negros na Bahia e mesmo a legislação sobre discriminação racial mudaram muito desde quando, aos sete anos de idade, em um supermercado do centro da cidade, fui abordado por uma funcionária que me perguntou se eu estava querendo esconder balas no meu bolso, enquanto eu verificava se havia dinheiro suficiente para comprá-las.

Desde então, houve a promulgação da atual Constituição, em 1988, as campanhas de auto-afirmação racial e a conclusão da minha graduação em jornalismo. O receio de entrar em uma loja de grife, que me acompanhou durante a adolescência, transformou-se, a duras penas, na certeza de que sou um consumidor com o direito de gastar o meu salário da maneira que bem quiser.

Com o tempo, deixei de agir como quem pede, por favor,

que seja atendido, que aceitem o meu dinheiro. Não que as manifestações de preconceito tenham acabado. Ainda hoje me incomodo quando percebo um segurança de shopping ou de supermercado olhando para mim por um tempo superior ao que considero razoável.

Quando usava roupas sociais, aquelas dos tempos em que trabalhava no setor bancário, e cortava o cabelo bem curtinho, honestamente, não percebia muita diferença no tratamento. Mas aconteceu de um zelador de prédio sugerir que eu pegasse o elevador de serviço. Mais frequentemente, acontecia também de perceber, em minhas caminhadas pela Graça ou pelo Corredor da Vitória, senhoras brancas mudarem o passo ao notar minha aproximação.

Depois de terminar a faculdade, quando passei a trançar o cabelo, percebi diferenças relevantes na maneira como era visto. Dois amigos meus elogiaram o fato de eu ter “assumido minha negritude”. Entendi que eles consideravam que o

fato de usar cabelo raspado indicasse ausência de auto-estima.

O cabelo revelou-se, para mim, determinante na maneira como as pessoas me enxergam, como se fosse uma versão afro de Sansão. Em algumas lojas e restaurantes, após ser atendido, vem outra forma de preconceito: a pergunta se sou músico ou artista de uma forma geral.

Preconceito aqui no sentido estrito da palavra, não de discriminação mas de um conceito pré-concebido de que um negro de cabelo trançado que compra em uma loja de shopping ou vai a um restaurante é artista. Isso poderia reforçar os argumentos de quem acha que a diferença no tratamento é econômica e não pela cor. Mas esse discurso vai por água abaixo quando negros e brancos, vestidos de maneira parecida, recebem atenção desigual, como aconteceu em uma loja na visita que fiz a um shopping com uma colega loura e outra negra”.

■ Gilson Jorge, 33 anos

Racismo de perto

“Nunca fui vítima de qualquer discriminação por causa da minha aparência, da minha cor. Sou branca, cabelos claros, apesar de a minha família ter descendência negra como grande parte das famílias da Bahia. Mas em meu tipo físico essa minha ascendência não se manifestou. Por causa disso, quando alguém me dispensa um tratamento grosseiro ou me olha estranho, isso nunca esteve associado com o tom da minha pele.

Apesar de sempre ouvir muitos casos de racismo, essa sempre foi uma realidade distante de mim, até que fui chamada para colaborar com este caderno. Uma das missões era ir até shoppings da cidade, juntamente com outros dois repórteres negros.

Em cada loja era sempre difícil prever a reação. O mais fácil seria pensar que nas mais caras e “metidas a besta” a discriminação seria mais evidente. Mas fui demovida dessa idéia logo que começamos nossos “testes”. O problema não está nas lojas, mas nos próprios funcionários.

Numa loja de roupas

masculinas das mais “bem freqüentadas”, entramos eu e Cleidiana juntas. O vendedor que nos atendeu foi simpático, mas olhava com desdém para minha colega. A ela não foi dirigida a palavra. Parecia que não estava ali para comprar. Gilson entrou sozinho e foi atendido por um outro funcionário que o tratou bem.

Em uma loja de bijuterias, entrei sozinho e uma mocinha veio me atender solícita e me deixou à vontade para escolher. Cleidiana e Gilson entraram como um casal e ninguém foi atendê-los. As pessoas “mediam” os dois todo o tempo, tanto vendedores quanto clientes.

Cleidiana olhava um colar e uma vendedora pediu que ela “desse licença” porque precisava mostrar algumas peças para outra cliente. O que minha colega seria então? Se você parar para prestar atenção nessas pequenas coisas, percebe como as atitudes racistas são freqüentes. Fiquei constrangida e imagino que a vítima se sinta humilhada”.

■ Manuela Barros, 24 anos

! QUAL A SUA COR?



“Preto. Aqui ó, negro mesmo. Dizem que agora tem creme que branqueia a pele, mas pra mim não. Nasci assim e quero ficar assim”

OSMAN WILSON DOS SANTOS,
72 anos, aposentado